



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## REFLEXOS DO COLONIALISMO PORTUGUÊS NO CONTO “A TROCA” DA ESCRITORA CABO-VERDIANA ONDINA FERREIRA

Lisiane Oliveira e Lima Luiz<sup>1</sup>

### 1 CONSIDERAÇÕES SOBRE CABO VERDE

Os portugueses registraram o achamento de Cabo verde em 1460. Trata-se de um país composto por um grupo de dez ilhas na região central do oceano atlântico, agrupadas em dois conjuntos: o de Barlavento, ao norte, composto pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, e Boa Vista, e os ilhéus Branco e Raso; e o de Sotavento, ao Sul, formado pelas ilhas Brava, Fogo, Santiago e Maio e os ilhéus Secos. O achamento das ilhas foi considerado de extrema importância devido à sua posição geográfica no atlântico para que Portugal pudesse continuar os descobrimentos mais ao Sul, assegurasse o comércio na costa africana e também as expedições nas Índias. Sendo assim, em 1462 inicia-se o povoamento de Cabo Verde com a ocupação portuguesa na Ilha de Santiago (HERNANDEZ, 2002).

Os portugueses tinham a intenção de povoar as ilhas, no entanto, as dificuldades com o clima quente e a falta de cereais dificultaram o povoamento, sendo muito reduzido o número de europeus (como portugueses, castelhanos e genoveses) na ilha de Santiago. Dessa forma, Hernandez (2002) aponta:

Para se instalarem e cultivarem as terras recebidas da Coroa, os homens brancos, nobres e plebeus, alguns deles degradados por razões políticas, religiosas e até por crimes comuns, reivindicam ampla autonomia e liberdade para resgatar negros da costa e dos rios da Guiné, sendo alguns deles vendidos para áreas como as Antilhas, as Canárias e algumas

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português e suas respectivas literaturas/UNIR/lisianeoliveira.l Luiz@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

ciudades europeias, como Sevilla e Cadiz, entre outras (HERNANDEZ, 2002, p. 23).

Dessa forma, o povoamento de Cabo Verde foi formado por escravos, negros livres que acompanhavam os comerciantes, mercenários, capitães dos navios, e as etnias presentes na Costa da Guiné. A mestiçagem do povo cabo-verdiano é resultante, sobretudo, das relações senhor branco/ escrava negra ou dos membros do clero e suas concubinas negras (HERNANDEZ, 2002).

A ilha de Santiago passa, portanto, entre 1462 a 1647 a ser um entreposto tendo como atividade mais rentável o tráfico de escravos. Também com o objetivo de aumentar o povoamento a Coroa transforma a ilha em uma zona franca. Depois determinou que todos os proprietários dos navios que transportassem escravos e outras mercadorias da costa africana à Europa e às Américas deveriam aportar na ilha de Santiago a fim de efetuar o pagamento de tributos e dízimos à Coroa (HERNANDEZ, 2002). Cabe ressaltar que o povoamento das demais ilhas foram realizadas tardiamente e com diferentes formas de ocupação e atividades econômicas. Temos, então, a efetivação da colonização portuguesa nas ilhas cabo-verdianas, conforme aponta Hernandez (2002):

Vale a pena repetir que, embora as circunstâncias possam variar ao longo do tempo ou mesmo se diversificar em determinado momento, ainda assim não se pode esquecer que Cabo Verde surge nos tempos modernos como área colonial sob o domínio português. [...] E é nesse sentido que desde os primeiros momentos de constituição o colonialismo apresenta a sua principal marca: a forma pela qual é distribuída a terra nos territórios alcançados (HERNANDEZ, 2002, p. 35).

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo fazer uma análise do conto “A troca” da escritora cabo-verdiana, Ondina Ferreira, buscando elucidar os reflexos do período colonial presentes na narrativa, destacando o tema emigração feminina para as roças de São Tomé e Príncipe.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## 2 O COLONIALISMO PORTUGUÊS EM CABO VERDE

Para Hernandez (2002, p. 120) “Colonialismo é mais que a não-liberdade. É, sobretudo, o exercício pelo qual a violência institucional e simbólica é naturalizada.” Nesse sentido, podemos perceber que no sistema colonial o que se perde não é somente a liberdade de ação, e sim a liberdade de pensamento, de religião, de língua, em suma, esse sistema tem como objetivo influenciar/dominar em sua totalidade o modo de vida do colonizado em todos os aspectos.

Em Cabo Verde, o processo de dominação não ocorreu de forma diferente. A Metrópole concedia muitos incentivos aos colonos portugueses para que permanecessem nas ilhas, visto que a dificuldade de povoamento era dificultada pelas questões climáticas já apontadas. Uma das vantagens concedidas aos colonos era a distribuição das terras em Morgadios, que tem como definição:

Um conjunto de bens que está vinculado, que está unido indissolúvelmente a uma família; trata-se de uma forma de propriedade inalienável e indivisível, transmitida em linha masculina através do primogênito, com exclusão dos irmãos, que apenas recebem subsídios tirados do rendimento do morgado; não existe, pois, o direito de testar, e em cada momento o possuidor do vínculo não é mais do que administrador dos bens que integram (HERNANDEZ, 2002, p. 36).

Os morgadios tratavam-se, então, de empresas econômicas que produziam cana-de-açúcar, culturas de milho, arroz, hortaliças, criação de gados, cabras e porcos com a utilização da mão-de-obra escrava. A produção estava voltada em sua maior parte para o abastecimento da Metrópole. Essas informações corroboram com o que Albert Memmi (1977) descreve em seu livro “Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador” sobre o processo de dominação da colônia: “O colonizador participa de um mundo superior, do qual não pode deixar de recolher automaticamente os privilégios” (MEMMI, 1977, p. 28). Sobre a usurpação do colonizador Memmi afirma:



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

---

É impossível, finalmente, que não verifique a ilegitimidade constante de sua situação. Ilegitimidade que, além disso, é de certa maneira dupla. Estrangeiro, chegado a um país pelos acasos da história, conseguiu não apenas um lugar, mas tomar o do habitante, e outorgar-se privilégios surpreendentes em detrimento dos que a eles tinham direito. E isso, não em virtude das leis locais, que legitimam de certo modo a desigualdade pela tradição, mas ao subverter as normas vigentes, substituindo-as pelas suas (MEMMI, 1977, p. 25).

Apesar da colonização em Cabo Verde ter sido um caso diferenciado em relação às outras colônias africanas, pelo fato das ilhas não serem habitadas, não deixa de configurar usurpação e privilégio a apropriação das terras pelo colonizador português juntamente com a captura/apropriação dos africanos que passavam pelas ilhas. De acordo com Hernandez (2002, p. 24) os moradores de Santiago tinham o "privilegio de tratar e resgatar escravos nas costas da Guiné como um todo, exceção feita a Arguim". Desse modo, entre 1462 e 1647, a atividade mais rentável da ilha de Santiago (primeira ilha a ser povoada) foi o comércio de escravos.

A relação senhor X escravos em Cabo Verde foi marcada por registros de brutalidade no tratamento por parte dos senhores, ocasionando morte dos escravos e revoltas. O colapso do sistema escravagista ocorreu no século XVIII com o a proibição do tráfico de escravos (1836). Com o fim do tráfico, as relações de trabalho nos Morgadios sofreram alterações, pois os proprietários agora se viam obrigados a contratar mão-de-obra livre o que aumentariam seus custos. Tem-se após o fim da escravatura em Cabo Verde, uma nova forma de trabalho a qual passou a ser denominado de contrato, tema presente no conto que será analisado neste artigo.

### 3 A EMIGRAÇÃO: O CONTRATO PARA AS ROÇAS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Em virtude das secas sazonais que assolam Cabo Verde, da infertilidade da terra, fome e alta taxa de mortalidade que são acentuadas nas épocas de seca há um grande número de deslocamento tanto entre ilhas, como para outros continentes a fim de lutar pela sobrevivência e da família.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Para Hernandez (2002) as dificuldades econômicas no arquipélago são tão grandes que em certo sentido a saída dos cabo-verdianos para outros países não pode ser considerada uma emigração espontânea (HERNANDEZ, 2002). Sobre a emigração cabo-verdiana JoAnne Hoffman também aponta:

Desde o início do séc. XVIII e até aos dias de hoje, os cabo-verdianos adoptaram a única estratégia de sobrevivência que lhes era acessível- a emigração. Não seria exagerado dizer que a emigração, tanto na realidade quanto no imaginário, atravessa literalmente, toda a vida dos cabo-verdianos e é um tema recorrente nas artes. (HOFFMAN, 2007, p. 219)

O destino mais procurado pelos cabo-verdianos entre 1900 e 1924 era os Estados Unidos. No entanto, a partir de 1917 os Estados Unidos da América coloca objeções quanto à entrada de emigrantes analfabetos. Essa restrição causou indignação por parte dos intelectuais, um deles foi o escritor Eugênio Tavares:

Proibir a emigração cabo-verdiana para os Estados Unidos é dirigir-nos ao povo caboverdeano, e dizer-lhe: "amigo, tira os sapatos; despe o casco; pega na enxada e salta para os mogardios de Santiago, do Fogo, de Santo Antão, onde há falta de braços. Foste, até aqui, o livre trabalhador da América; de agora passas a ser uma espécie de contratado de São Tomé. Até hoje comeste à tua mesa, em pratos e com talheres, o pão que o suor do seu rosto livremente fecundou e amadureceu: de hoje em diante irás comer, em gamelas de pau, o pão da escravidão que o diabo amassa dessa escravidão encamisada de liberdade, que é um insulto à dignidade humana (TAVARES *apud* HERNANDEZ, 2002).

A emigração para São Tomé e Príncipe não era o melhor dos destinos, pois os trabalhadores estavam sujeitos a uma forma de trabalho chamada contrato que muito se assemelhava com o regime de escravidão. Segundo Alfredo Margarido (1980), o contrato era uma forma de exploração de mão-de-obra, um trabalho forçado mal disfarçado, com péssimos salários ou na maioria das vezes, nada recebia dos proprietários das roças, além da péssima alimentação. Somando-se a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

isso, os donos das roças disponibilizavam alojamentos em condições precárias aos trabalhadores das plantações ou indústrias.

Nas roças de São Tomé, homens e mulheres executavam os mesmos trabalhos, não havia diferenciação, havia somente contratados, conforme aponta Augusto Nascimento (2007):

As cabo-verdianas faziam todo o trabalho, não se lhes reconhecendo a qualidade de mulheres. Tirar cacau e copra, carregar bananeira para plantar, carregar estrume, tirar capim do boi, limpeza do hospital e capina do terreiro, *tudo era nha trabalho*. Nesta expressão poderá entrever-se a alusão, não apenas a uma aprendizagem, como também à transformação do papel da mulher face ao imaginado à saída de Cabo Verde. Não havia lugar a uma nítida repartição sexual do trabalho, as mulheres eram pau para quase toda a obra. (NASCIMENTO, 2007, p. 154)

Nascimento (2007) também aponta que em 1960 a emigração para São Tomé já não era visto como algo terrível era considerado um lugar de esperança de sobrevivência e “não poucas mulheres se decidiram a ir a São Tomé. Para estas, a emigração constituiu uma oportunidade para a resolução de conflitos familiares” (NASCIMENTO, 2007, p. 154).

#### 4 RESUMO DO CONTO “A TROCA” DE ONDINA FERREIRA

A autora Ondina Ferreira<sup>2</sup> nasceu a bordo de um navio durante viagem de seus pais de Mindelo (cidade que se localiza na ilha de São Vicente- Cabo Verde) à caminho de Lisboa, no ano de 1946. O conto “A troca” faz parte da obra “Contos com Lavas” publicado em 2010. Trata-se de uma narrativa que perpassa o período colonial, independência e período pós-colonial. No entanto, neste artigo será enfocado o período colonial.

---

<sup>2</sup> Ondina Maria Duarte Fonseca Rodrigues Ferreira é uma escritora cabo-verdiana. Licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa e concluiu o Mestrado em Ciências da Educação na Universidade de Massachusetts, nos Estados Unidos. Atua como professora e palestrante no meio acadêmico e colabora em diversos veículos impressos como jornais e revistas literárias de expressão lusófona.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/ná Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

No conto temos duas mulheres desconhecidas que travam conhecimento; o ponto comum que as unia era a saída de Cabo Verde em busca de sobrevivência. O ano era o de 1952, período colonial. A viagem foi por meio de um navio; o destino era trabalhar como contratadas nas roças de São Tomé e Angola. A mais velha chamava-se Maria, o seu destino era São Tomé; a mais nova Rufina, seu destino era Angola. Durante o conto Rufina fica conhecida como Fina. Maria estava grávida, porém sua gravidez passou despercebida no embarque, somente Fina sabia do segredo, o qual foi confiado nas conversas durante a viagem. Para ocupar os dias da viagem ficavam relembando suas atividades em Cabo Verde, pois a semelhança da dureza da vida as unia. No navio, relembavam como apanhavam lenha nas ladeiras íngremes para cozinhar, de como pegavam água, o caminho percorrido em grupo de casa à fonte, também falavam do abandono do companheiro, e Maria lembrava com tristeza do filho que havia deixado com a mãe em Cabo Verde, mas tudo em som baixo, pois as conversas no barco não podiam ser altas, afim de que o Comissário não se zangasse. As regras do contrato já começavam no navio.

A bordo travaram conhecimento. Maria e Fina. Fizeram amizade. Falaram de muitas coisas. Falaram para acalmar a ansiedade. Para sacudir o enjoo. Para afugentar o medo do mar largo. Disseram das dores e das saudades dos que ficaram. Também contaram uma à outra como apanhavam a lenha, as urzes nas ladeiras íngremes e pedregosas para cozinhare. Das vezes que se livraram da iminência de quedas perigosas. De tantas rochas, de tantas escarpas galgadas sob sol, vento e poeira. Apenas por um molho de lenha. De como catabam a água. O caminho percorrido em grupo, de lenço e de rodilha à cabeça, da casa à fonte. [...]Enfim, a conversa continuava, as confidências trocavam-se entre as duas como se naquele espaço se tivessem descoberto amigas de longa data que só por um acaso da vida, não se haviam ainda cruzado uma com a outra (FERREIRA, 2010, p. 4-5).

Os dias se passavam calmamente até o momento em que Maria entra em trabalho de parto em alto mar. Como não foi atendida pelo médico e enfermeiro a bordo, um dos tripulantes (considerado o mais calado e afastado de todos no grupo) toma a iniciativa e realiza o parto. Maria diz à Fina que a menina será afilhada dela e pede ao jovem que fizera o parto que dê nome a menina. Depois de muito refletir o jovem escolhe o nome: Circe Helena, em homenagem à mitologia grega, onde Circe



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

significa princesa de Tróia que fizera Ulisses atravessar um mar cheio de tormentas e Helena, sereia de voz fatal. No entanto, não disse à comadre a razão da escolha do nome.

Maria, agora com Circe Helena nos braços estava próxima do seu destino, São Tomé. No entanto, como estava sem condições de trabalhar, visto que se recuperava do parto propôs à Fina que trocassem os papéis: Fina assumiria a identidade de Maria e desceria em São Tomé e Maria assumiria a identidade de Fina e seguiria para Angola, assim Maria poderia continuar tendo um caldo mais grosso para tomar no navio, o que lhe foi concedido, a pedido do rapaz que fez o parto. Desta forma chegaria a Angola pronta para o trabalho.

E assim ocorreu, ninguém percebe a troca. O destino separa essas mulheres que por pouco tempo tornaram-se unidas pelos laços de solidariedade. Com um sorriso de cumplicidade, Rufina despede-se de sua amiga Maria que seguiria viagem sem a companhia dela.

O nome da roça onde Rufina ficou era Saudade. O trabalho a qual ela ficou responsável era o de capinar, das seis da manhã às cinco da tarde. Na roça “dissera a todos que o nome de casa era Rufina- assim continuava a ser chamada pelo verdadeiro nome- e o de registro Maria Alves”. (FERREIRA, 2010, p. 10)

O tempo passou e Rufina passou a viver com um rapaz, chamado Morgado, que trabalhava na oficina dos donos da roça Saudade. O mesmo também era cabo-verdiano e o jeito alegre e de bom contador de histórias conquistou Rufina e a fazia relaxar do dia exaustivo de trabalho. Não demorou muito para que os filhos viessem:

Os filhos vieram um a seguir a outro. Dois rapazes. Por fim, um par de gémeas, duas meninas. As doenças, as privações, os sustos, as brigas, os bons e os maus momentos da vida, tudo se passou sob o tecto do Morgado e da Rufina.[...] A farmacêutica simpatizara-se com ela. E enquanto lhe aviava as receitas metia conversa com ela. Que devia parar de parir mais filhos. Que se continuasse assim a saúde pioraria. Que estava a emagrecer muito (FERREIRA, 2010, p. 11).









x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

de Lisboa da Seguradora a fim de que Maria Alves desse prova de vida e recebesse o seguro. Rufina dirigiu-se ao consulado, o cônsul ao vê-la ficou “condóido com a miséria e o fim que se anunciava próximo no arrastar dos pés de Rufina, assegurou-lhe que telefonaria à afilhada em Luanda para saber do andamento do processo” (FERREIRA, 2010, p. 18).

Ao receber a notícia de Circe Helena de que nada havia conseguido resolver, apesar de todos os gastos com advogados e papéis para Lisboa, o cônsul ficou desalentado e tomou a seguinte decisão:

Não, não vou contar à velha o resultado da conversa! - pensou em voz alta. Não valia a pena. Para quê aumentar-lhe o sofrimento? Era preferível deixar-lhe aceso este último pavio de esperança... Para ele, o caso Maria Alves versus Rufina Andrade, estava definitivamente encerrado ( FERREIRA, 2010, p. 18).

Dessa forma o conto “A troca” termina e Rufina não consegue comprovar sua identidade. O que restava para essa pobre mulher abandonada e sem perspectivas era a espera da morte.

## 5 OS REFLEXOS DO COLONIALISMO PORTUGUÊS NO CONTO

Tu o que és irmão comissário  
Irmão de sangue, irmão de sofrimento  
Tu o que és (choremos lágrimas na traição comum)  
Tu o que és...  
Capataz de escravos é o que tu és  
Comissário *Ad Hoc*.

Gabriel Mariano

Para Fanon (1961, p.27) “O mundo colonial é um mundo dividido em compartimentos”. Na viagem em direção a São Tomé e Angola podemos perceber os reflexos do Sistema Colonial e esses compartimentos que Fanon se refere, na qual mulheres e homens estavam submetidos. No navio havia a figura do Comissário *ad hoc*, funcionário responsável pela manutenção da ordem no navio e entrega dos viajantes nos seus destinos. Esses homens e mulheres não eram



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

escravos, porém a situação em que estavam no navio poderia ser comparada ao transporte de escravos: sem conforto, pois o porão era o compartimento que lhes era reservado, péssima alimentação e todo o tempo sob o olhar punitivo do comissário *ad hoc* que pode ser comparado à figura do capataz, que no sistema escravocrata, era o responsável pelos castigos corporais e maus-tratos aos escravos.

De manhã enrolavam e batiam as esteiras que lhes serviam de cama no barco. [...] à noite com a luz que a lua coava por entre nuvens que corriam velozmente sobre o convés e o ritmo cadenciado do balanço do *Porto Amboim*, juntavam-se em grupo mais alargado; e controlavam a altura da voz, não fosse o Comissário zangar-se. Quando assim acontecia configurava-se reprimenda severa. **A disciplina do contrato começava já no alto mar** (FERREIRA, 2010, p. 5- grifo nosso).

Com base no excerto acima, é possível verificar a falta de liberdade dos contratados, pois tinham que conversar em um tom baixo, caso contrário eram severamente advertidos pelo Comissário. Por isso, Alfredo (1980) compara o contrato a uma escravidão mal disfarçada.

Outro ponto do conto que reflete o desprezo do colonizador pelo colonizado é o momento em que Maria entra em trabalho de parto no navio. O Comissário foi avisado e segue à procura do enfermeiro de bordo ou médico para prestar auxílio. No entanto, volta sozinho e não justifica o porquê. Fica subtendido que ignoraram o pedido de ajuda. A criança nasce e sobrevive mesmo com o parto feito sem condições nenhuma de higiene.

Os Cabo-verdianos quando chegavam ao destino eram encaminhados à roça aonde foram contratados e começavam, então, seu trabalho. No conto Rufina foi encaminhada para uma roça chamada *Saudade* e desempenhava as seguintes funções sob a supervisão do capataz:

O trabalho que lhe foi distribuído era o de capinar, da seis da manhã às cinco da tarde, a imensidão das terras de cacau e de banana que rodeavam a perder de vista o aldeamento dos contratados. [...] o trabalho de dar e tirar



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

da terra tudo o que lhes fosse ordenado pelo capataz que não admitia pedido de desculpas, nem doenças, nem morte de familiares (FERREIRA, 2010, p. 10).

Mais uma vez, temos a figura do capataz corroborando a ideia de que nas roças de São Tomé o sistema escravagista colonial ainda reinava sob a máscara de uma falsa liberdade. Sendo assim, o conto “A troca” de Ondina Ferreira reflete as características do sistema colonial na qual muitos cabo-verdianos estavam submetidos nas roças de São Tomé nos anos de 1952 a 1975 quando buscavam sobreviver à seca e à fome em Cabo Verde.

## REFERÊNCIAS

ALFREDO, Margarido. **Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa**. Lisboa: A regra do jogo, 1980.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: ed. Civilização brasileira, 1961.

FERREIRA, Ondina. **Contos com Larvas**. Cabo Verde: Tipografia Santos, Ltda. Setembro de 2010.

HERNANDEZ, Leila Leite. **Os filhos da terra do sol: A formação do Estado-nação em Cabo Verde**. São Paulo: summus, 2002.

HOFFMAN, JoAnne. **O papel da independência, da emigração e da World Music na ascensão ao estrelato das mulheres de Cabo Verde**. In: GRASSI, Marzia; ÉVORA, Iolanda (orgs). **Gênero e Migrações Cabo-Verdianas**. Lisboa: ICM. Imprensa de Ciências Sociais, 2007. Estudos e investigações: 43. P. 217- 233.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

